

# Repensando a Iniciação Científica

**Denise da Costa Oliveira**

**Marcelo Natividade**

**Vagner Fernandes**

Que tipo de indivíduo e de conhecimento a universidade tem produzido? Como alunos e pesquisadores controem sua visão de mundo e de ciência? Em que a universidade colabora para isso? Estas são algumas das questões que se colocam na reflexão sobre o papel da iniciação científica e que estão sendo estudadas na pesquisa *Conhecimento, cultura e modernidade: a iniciação científica na universidade*. Desenvolvida na Faculdade de Comunicação Social da UERJ, na linha Comunicação, Informação e Educação, a pesquisa busca, basicamente, investigar como estão organizados os programas de iniciação científica em Ciências Humanas e Sociais nas universidades públicas do Rio de Janeiro. Procura, ainda, averiguar qual a idéia da ciência que os programas e as práticas de iniciação científica adotam. E ainda pretende dimensionar a importância da iniciação científica para os bacharelados de Comunicação Social.

A iniciação científica tem se mostrado importante como experiência de participação e inserção do aluno no contexto da produção do conhecimento. Através dela a relação entre pesquisador e estudante acentua o caráter social do conhecimento, construído dialéticamente a partir da vontade de investigar. Além disso, há que se considerar que diante de um mercado de trabalho saturado, a pesquisa ressurge como uma nova perspectiva, ainda que se reconheçam as dificuldades que os pesquisadores enfrentam em uma era marcadamente utilitarista e pragmática.

A iniciação científica interessa não só à universidade, mas também ao estudante e à própria ciência, já que é argumento e instrumento de legitimação e perpetuação das ciências humanas e sociais. Assim, a prática da iniciação científica se revela como fonte de conhecimento e de fomento à cultura, integrada à modernidade, com fundamentos que podem estimular uma leitura crítica da ciência e da universidade.

Nesse sentido, pode-se utilizar a crítica formulada por Gramsci observando que “na civilização moderna, todas as atividades se tornaram tão complexas, e as ciências se

mesclaram de tal modo à vida que toda atividade prática tende a criar uma escola para os próprios dirigentes e especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas de nível elevado, que ensinam nestas escolas.” (1979, p.1170). Esta leitura crítica leva a questionamentos sobre o tipo de conhecimento e o tipo de homem que a universidade constrói.

## A Pesquisa

Na pesquisa sobre iniciação científica pretende-se saber mais sobre este homem, por enquanto com papel de aluno, e sua capacidade de fazer ciência, considerando que no sistema de créditos e de formação profissionalizante a indagação não encontra resposta. Assim, se reforça a necessidade do



reconhecimento da dimensão histórica do saber, considerando que o contexto atua sobre o pesquisador. Este problema coloca a questão da neutralidade dos cientistas e questiona “um princípio o qual somente o conhecimento racional e objetivo (científico) deve ser tomado como verdadeiro e como real.” (Japiassu, 1983, p.31).

Refletir hoje sobre ciência é pensar acerca das diferentes formas de apropriação do real (mito, filosofia, senso-comum, ciência, arte...), sua significação e seu papel na produção do conhecimento. Considerando conhecer como interpretar, a ciência da modernidade não estaria longe dos domínios do subjetivo, mas livre da valorização absoluta, reconhecendo-se como parte integrante de uma realidade social.

## A Subjetividade

Para Carneiro Leão, “a ciência informa

nossa compreensão e avaliação da realidade” (1989, p.11). Segundo o autor, vive-se atualmente a chamada era da ciência, daí a importância de se discutir sua relação com a filosofia, preparando o homem moderno para uma época onde as “verdades absolutas” caem por terra e a universidade se questiona sobre sua dimensão na vida prática.

Uma vez que conhecimento é representação, como a universidade representa o saber? É preciso resgatar a dimensão epistemológica (relação entre teoria e prática) da universidade e da ciência, ampliando a discussão para o âmbito da interdisciplinaridade, onde o homem é objeto e sujeito, e sua subjetividade, o elemento que nos desafia e impulsiona.

Diante do que foi posto, a universidade mostra-se complexa, mas, a investigação permite descobrir um campo de múltiplas representações dentro de nosso próprio objeto teórico e de estudo: pesquisamos a universidade e a iniciação científica atuando através de um Programa de Iniciação Científica. No fundo, encaramos esse esforço como Barthes descreveu: “Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisa.” (1985, p.47)

## Bibliografia

- BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1989.  
 GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.  
 JAPIASSU, Hilton. A pedagogia da incerteza. Rio de Janeiro: Imago 1983.  
 LEÃO, E. Carneiro. Aprendendo a pensar. Petrópolis: Vozes, 1989  
 VIEIRA, Angela de Faria. Conhecimento, cultura e modernidade: a iniciação científica na universidade. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

*Denise da Costa Oliveira é Jornalista e Relações Públicas formada pela UERJ. Especialista em Sociologia Urbana pela UERJ. Mestranda em Ciência da Informação na ECO/UFRJ.*

*Marcelo Natividade é aluno do 6º período de Comunicação Social/Jornalismo na UERJ e bolsista de Iniciação Científica.*

*Vagner Fernandes é Jornalista pela UERJ e bolsista de Iniciação Científica. Coordenadora da Pesquisa: Profª Angela Vieira.*